



Presidente da Câmara ignora a independência entre os Poderes e assume, com todas as letras, que trabalha pela reeleição de Bolsonaro. Postura do deputado divide opiniões. Amanhã, PP oficializa apoio ao chefe do Executivo

Um controverso cabo eleitoral

» TAINÁ ANDRADE

O PP faz, amanhã, sua convenção nacional para declarar apoio oficial à candidatura do presidente Jair Bolsonaro (PL). Um dos caciques do partido, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), vestiu, literalmente, a camisa da reeleição do chefe do Executivo. No domingo, na convenção do PL que oficializou Bolsonaro como postulante a novo mandato, o deputado apareceu com uma camiseta estampando, em letras garrafais, "Bolsonaro 22", numa referência ao número da campanha. No palco, recebeu afagos do presidente. "Sei que a figura mais importante hoje aqui sou eu, mas, se não fosse Arthur Lira, esse cabra da peste de Alagoas, não teríamos chegado a este ponto. Obrigado, Lira", declarou Bolsonaro na convenção.

Na avaliação do deputado Marcelo Ramos (PSD-AM), ex-vice-presidente da Câmara, "Lira estar no palanque de Bolsonaro é algo normal e republicano". "Já que ele apoia, tem direito de ir. O errado é o que faz fora da convenção. Arthur se coloca acima do Regimento (da Casa) e comete um equívoco confesso, fruto de quem compactua com o autoritarismo e com quem é autoritário", criticou. "A relação entre Arthur e Bolsonaro funciona da seguinte forma: Bolsonaro deixa Arthur ser dono do orçamento, e o Arthur deixa Bolsonaro mandar no Parlamento."

O líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), que estava no palco no Maracanãzinho, afirmou que o fato de Lira ser aliado de Bolsonaro é "natural". "A convenção já ocorreu há mais de 24 horas, e ninguém falou nada", limitou-se a comentar.

Já a deputada Sâmia Bomfim (PSol-SP) criticou a postura do



A relação entre Arthur e Bolsonaro funciona da seguinte forma: Bolsonaro deixa Arthur ser dono do orçamento, e Arthur deixa Bolsonaro mandar no Parlamento"

Marcelo Ramos (PSD-AM), deputado e ex-vice-presidente da Casa

presidente da Casa: "Para que não se esqueça: Lira é cúmplice da destruição do Brasil promovida por Bolsonaro. Sua participação na convenção eleitoral do PL é apenas a cereja do bolo", postou nas redes sociais. Por sua vez, o deputado Herculano Passos (Republicanos-SP) disse ver a relação com naturalidade. "Lira tem colaborado muito com a pauta do governo, colocado em discussão, em debates, projetos importantes de medidas provisórias emergenciais. Está colaborando com o governo, por isso não tem desconforto", assegurou.

Independência

O cientista político Maurício Santoro, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), destacou a necessidade de independência entre os Três Poderes. "O presidente da Câmara deveria ser alguém com a postura mais preocupada em relação à autonomia do Legislativo, deveria ser freio e contrapeso para eventuais ameaças à

Mauro Pimentel / AFP



Lira na convenção do PL que oficializou a candidatura de Bolsonaro. Amanhã, os dois devem se encontrar de novo

democracia e a atos autoritários", frisou.

Na avaliação de Leandro Gabiati, cientista político e diretor da Dominium Consultoria, "apesar de Bolsonaro estar em segundo lugar (nas pesquisas de intenção de voto), continua sendo competitivo". "E lideranças

políticas se orientam pela perspectiva de poder que o candidato representa. Ele pode melhorar nas pesquisas e tem chances concretas de ser reeleito. De certa forma, isso faz com que achem uma postura polêmica que tem."

Lira e Bolsonaro deverão estar juntos, novamente, na

convenção do PP, que vai ocorrer no Auditório Nereu Ramos, na própria Câmara. O presidente da Casa está em Alagoas, durante o recesso do Congresso, mas planeja voltar a Brasília para sacramentar o embarque de seu partido na campanha bolsonarista. (Com Agência Estado)

PGR: pedido de arquivamento

» LUANA PATRIOLINO

A Procuradoria-Geral da República (PGR) pediu o arquivamento de ações contra o presidente Jair Bolsonaro (PL) pedidas no relatório final da CPI da Covid. A manifestação, assinada pela vice-PGR, Lindôra Araújo, foi encaminhada, ontem, ao Supremo Tribunal Federal (STF). No documento, ela sugere retirar sete das 10 solicitações de indiciamentos por prática de crimes de infração de medida sanitária preventiva, supostamente cometidos pelo chefe do Executivo e aliados.

Lindôra Araújo afirmou não ver base para responsabilizar Bolsonaro. Ela disse que "inúmeras pessoas contaminadas nem sequer tiveram contato direto ou indireto (por meio de terceiras pessoas) com o presidente da República, afastando a possibilidade de responsabilização por esse fato".

"A correlação tecida no relatório final entre a presença do presidente da República e o aumento de casos de covid-19 nos locais visitados é frágil, sem constatação em dados elementares, como a identificação dos pacientes internados e o contato direto ou indireto deles com pessoas que se aglomeraram em razão da presença de Jair Messias Bolsonaro", escreveu.

Na mesma manifestação, a vice-PGR também arquivou o indiciamento de atuais e ex-integrantes do governo e parlamentares aliados ao chefe do Executivo, como Marcelo Queiroga (ministro da Saúde), Eduardo Pazuello (ex-ministro da Saúde) e Braga Netto (ex-ministro da Casa Civil).

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

No meio do caminho tem um Janones

O presidente Jair Bolsonaro vive o rescaldo da grande convenção de domingo que oficializou sua candidatura. Seu discurso no Maracanãzinho mirou aquilo que as pesquisas estão mostrando e seus marqueteiros também: (1) precisa do voto das mulheres, daí o discurso de Michelle, a primeira-dama, na convenção, dirigido ao mundo evangélico para chegar ao eleitorado feminino; (2) está em franca desvantagem junto à população de mais baixa renda, em que o ex-presidente Lula nada de braçadas, situação que tenta reverter prometendo manter o Auxílio Brasil no valor de R\$ 600 após as eleições (apesar de a equipe econômica só conseguir garantir R\$ 400 remanejando o Orçamento da União de 2023); e (3) sonha com votos de classe média que recebeu em 2018 e está perdendo, por causa de seu radicalismo, principalmente nos estados do Sudeste, Jovens e o Nordeste são batalhas perdidas.

Acontece que Bolsonaro não se aguenta e fala o que realmente pensa, não o que as pesquisas qualitativas da equipe de campanha estão mostrando: na convenção, fugindo ao script, partiu

novamente para cima do Supremo Tribunal Federal (STF) e das urnas eletrônicas, o que é um tiro no pé, porque reforça a imagem de candidato perdedor e a ideia de que prepara um golpe de Estado, ainda mais depois de ter feito uma nova convocação para mais uma manifestação contra o Supremo no 7 de Setembro.

O Dia da Independência pode ser um Rubicão. É aí que o papel do candidato a vice, general Braga Netto, precisa ser observado com atenção. Além de ser o responsável pelo programa de governo, que promete entregar nas próximas semanas, ascendeu à condição de articulador da campanha e está viajando aos estados. O ex-ministro da Defesa transita muito bem no universo de apoiadores de Bolsonaro, não esconde sua afinidade com as teses golpistas e é o mais preparado para cuidar, com outros militares, da mobilização da militância de campanha. Como todos sabem, Bolsonaro tem uma milícia política armada.

Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (cuja candidatura sofre um ataque da ala lulista do MDB, às vésperas da convenção para homologar seu nome) e

André Janones (Avante), juntos, somam de 12% a 13%, o suficiente para levar a eleição ao segundo turno e manter Bolsonaro dois dígitos distante de Lula, caso a polarização entre ambos se mantenha. Mesmo que esse quadro não se altere a favor de uma terceira via, são candidaturas que têm um papel a cumprir no debate político e na negociação do segundo turno, porque forçariam um entendimento em direção ao centro. Entretanto, temos uma eleição com forte tendência de polarização, com 70% do eleitorado supostamente já definido, que pode registrar o voto útil tanto em favor de Bolsonaro como de Lula na reta final do primeiro turno.

Esse é um tipo de aposta incorporada à narrativa da frente de esquerda que apoia Lula, para vencer no primeiro turno, alimentada pelos arreganhos autoritários de Bolsonaro e da extrema direita que o apoia. Mas não existe eleição decidida de véspera, os 45 dias de campanha de rádio e televisão tanto podem abduzir completamente os candidatos de terceira via como provocar o contrário, com um dos três postulantes à terceira

via se beneficiando do aumento da rejeição aos dois candidatos, em razão da pancadaria entre Lula e Bolsonaro.

David contra Golias

A candidatura do deputado André Janones à Presidência da República foi oficializada no sábado. A convenção foi em Belo Horizonte, com o grande Teatro do Minascentro lotado. Advogado, filho de uma empregada doméstica, Janones é um fenômeno das redes sociais, seu primeiro emprego foi como cobrador de ônibus. Nas pesquisas divulgadas ontem, figurava com 2% de intenções de votos; vem sendo assim, teimosamente. Ele é um fenômeno da antipolítica: em 2016, quando se candidatou à Prefeitura de Ituiutaba pelo PSC, perdeu; em 2018, surfou a greve dos caminhoneiros e foi o terceiro mais votado nas eleições para deputado federal em Minas. Disputa pela primeira vez a Presidência da República, é um David contra Golias.

Janones é uma pedra no sapato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, porque a resiliência de seus eleitores

pode inviabilizar uma vitória do peitista no primeiro turno, somada aos votos de Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB). O candidato do Avante tem seu discurso na ponta da língua: "Só de eu poder dizer que nós temos de fato um projeto para o país, para mim, já fez tudo valer a pena. Hoje, nós temos um projeto que contempla todas as áreas: saúde, segurança, educação, agro... Todas as áreas e todos com a mesma mensagem, com o mesmo objetivo: a diminuição da desigualdade social no nosso país, a diminuição da distância entre os mais ricos e os mais pobres", explica.

O deputado mineiro defende um programa de combate à pobreza, financiado por uma reforma tributária, para taxar lucros e dividendos, e criar um imposto sobre grandes fortunas, rever os atuais incentivos fiscais, sem sacrificar a classe média com mais tributação. Na convenção, André Janones defendeu a democracia; em entrevistas, já disse que não apoiará Bolsonaro, no segundo turno. O Avante tem oito deputados federais, 16 deputados estaduais, 82 prefeitos e 1.074 vereadores.